

O Corpo/identidade masculino nos cuidados da infância *projeto de doutorado – IFF/FIOCRUZ*

Eduardo Costa (IFF/FIOCRUZ - ecosta@alternex.com.br)

Resumo: Este artigo (síntese do projeto) procura refletir sobre a singularidade da intervenção masculina no processo de desenvolvimento da criança. Nosso estudo tem como objetivos: Problematizar o significado de profissionais da educação, que cuidam da criança, acerca do “corpo/identidade masculino” como fator de desenvolvimento da identidade, tanto da menina quanto do menino; Identificar os limites e as potencialidades da presença masculina nos cuidados com a infância; Analisar os esquemas posturais e gestuais que revelam os diálogos tônico-emocionais entre corpo masculino e infante (interações). Metodologia: Revisão de material bibliográfico, entrevistas, observação pessoal e registros em vídeo das interações corpo/masculino e corpo/feminino – infante, em duas instituições educacionais. Na análise de dados, utilizaremos a Análise Temática de Bardin (1979) e a Pesquisa Qualitativa (Minayo,1992). Os núcleos de sentido serão dialogados com os referenciais da Antropologia e da Psicomotricidade, religados pelo Pensamento Complexo.

Palavras-chave: Masculino; Infância; Saúde

“O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social.”

Bourdieu

Nosso projeto de doutoramento em ciências: saúde da criança, no Instituto Fernandes Figueira, da FIOCRUZ –M.S., sob orientação do Prof. Dr. Romeu Gomes, trata da questão: saúde na infância - o papel do masculino. Este tema procura refletir sobre a singularidade da intervenção masculina na espiral evolutiva da infância, distinguindo seus multifacetados aspectos, no sentido de instaurar um campo dialógico em prol de intervenções mais coerentes com as necessidades manifestas pelos infantes em seus vários ambientes interacionais.

A assistência à infância, tanto no âmbito institucional quanto nos consultórios terapêuticos, é realizada, quase que de todo, por figuras do gênero feminino. Isto se dá, em grande parte, pela tradição dos cuidados de maternagem, estando registrado em nosso imaginário social a presença da mãe como condição de bom desenvolvimento e saúde para a criança.

Com as mudanças nos papéis femininos e masculinos na sociedade contemporânea, a presença masculina no papel de cuidar e educar tem aumentado, gerando muitas polêmicas e estranhamentos quando no exercício de funções tipicamente “femininas”, pondo em questão desde a eficácia de suas atuações até sua “verdadeira” masculinidade.

Em oposição aos encontros mãe-filho, exaustivamente abordados e revistos pelos estudos que buscavam desvendar as bases de um desenvolvimento saudável na infância, as pontuações a respeito da função masculina, em especial paterna, atribuem ao pai um lugar de coadjuvante na criação dos filhos, delimitando sua ação através do verbo, numa relação “descorporificada”.

Badinter (1985) em sua obra “O mito do amor materno”, contribui para a ampliação de nossa reflexão, trazendo-nos as modificações culturais no decorrer da história e apontando para as mudanças ocorridas no “lugar do pai” e a emergência de uma mãe cuidadora a partir do fim do século XVIII, quando a imagem paterna teria sido eclipsada, com a justificativa de que o pai seria absolutamente

incapaz da educação moral e física dos filhos, trabalho delicado, inadequado às necessidades da vida social.

Badinter (1993) nos mostra, já em seus estudos sobre masculinidade, que as conseqüências da carência paterna são tão graves como as da materna, pois encontrar o pai significa não só se separar bem da mãe, mas também encontrar uma referência imprescindível de identificação masculina tanto para a menina quanto para o garoto, já que a condição humana torna necessária a relação com o corpo masculino e o corpo feminino para um desenvolvimento harmônico da identidade. Em outras palavras, na construção dos gêneros o confronto com os corpos masculino e feminino se faz necessário, uma vez que o gênero deve ser visto numa perspectiva relacional.

Temos assistido, à modificação do papel feminino no mundo, gerando o que alguns autores denominam de “crise do masculino”. De acordo com DaMatta (1997), há poucas décadas, o homem tinha de comportar-se “como tal”, devendo ter atitudes e desejos exclusivamente masculinos, sob a ameaça de ter sua masculinidade posta em dúvida.

Como a identidade de gênero interfere nos efeitos da interação na infância? Quais as conseqüências de interagir com um corpo masculino ou feminino? De que se trata o “corpo masculino”? Questões como estas nos parecem relevantes quando nosso foco de interesse recai sobre a construção saudável da unidade psicomotora na infância, base de toda a sua construção subjetiva - sua identidade, assim como sobre as condutas mais eficazes na assistência à sua saúde (Siqueira, 1997).

O processo de identidade de gênero advém de raízes corporais, onde as interações e impregnações culturais são determinantes. *“o contato não é neutro, como pensava Rousseau. (...) Uma relação estreita com um homem adulto deve reforçar a identidade do menino e anular os **maus hábitos herdados do corpo-a-corpo com a mãe.**”*³ Como observa o psicanalista junguiano Guy Corneau, *“ver outros homens (...) tocá-los, falar-lhes, confirma em cada um a identidade masculina”* (Corneau apud Badinter, 1993:80).

Corneau denuncia a fragilidade da identidade masculina, apontando para “o silêncio dos pais” como a principal de suas causas. *“O olhar dos pais e a convicção que têm quanto ao sexo de seu filho são determinantes para o desenvolvimento da sua identidade sexual”* (Corneau apud Badinter, 1993:40). O “silêncio” afetivo entre os pais (membros do sexo masculino do casal parental) e seus filhos e filhas produziria fracassos em seus processos identificatórios, que seriam determinantes em suas condutas no mundo. *“Para chegar a ser idêntico a si mesmo, é preciso ter sido idêntico a outro; é preciso ter-se estruturado incorporando, ‘colocando-se no seu corpo’, imitando alguém”* (Corneau, 1991:24).

Este silêncio também é reproduzido nos grupos extra-familiares, onde a imagem da “mãe-substituta” é flagrante. A creche, a escola, o hospital, os consultórios terapêuticos, ilustram bem o quanto estamos possuídos pela cultura que possuímos - cuidar é tarefa feminina.

Corneau (1991) nos recorda que a presença ou ausência paterna na vida da criança interfere intensamente em sua capacidade de acessar a agressividade (afirmação de si e capacidade de defender-se), a sexualidade, o sentido de exploração assim como o logos, entendido como a aptidão para abstrair e objetivar. Baseado nas pesquisas de Stevens resume o que constitui uma frustração muito grande das necessidades da criança quanto às interações com o pai, ressaltando em seu primeiro item que: *“a ausência prolongada do pai, não importa por qual motivo, seja o abandono puro e simples ou uma hospitalização que implique a separação prolongada (...) provoca a falta de confiança em si mesmo, timidez excessiva e dificuldades de adaptação.”* (p.29).

A partir dessa revalorização do papel paterno faz-se necessária a compreensão da especificidade da relação pai-filho, por exemplo no *setting* hospitalar. Na sua maioria, os hospitais não se ocupam da integração do pai no cotidiano de suas intervenções. Assim como habitualmente ocorre nos vários espaços clínicos e terapêuticos que se ocupam de crianças, a figura paterna não é solicitada nas entrevistas ou devoluções, exceto nos casos de ausência materna ou da impossibilidade de estruturar com ela uma definição de condutas.

A alternância entre pai e mãe, especialmente nos momentos de estresse, como na hospitalização, tem demonstrado muitos benefícios para a criança, que pode continuar suas incursões ao meio, sem uma quebra na referenciação com ambos, podendo viver a sustentação necessária na ultrapassagem desta solução de continuidade. (Costa e Mello, 2002)

No universo da prática psicomotora, do qual fazemos parte, a assistência é quase que exclusivamente feminina, corroborando, num primeiro olhar, as características encontradas em outras áreas de atuação educacional e clínica. Contudo, quando em momentos de exercício pessoal como terapeuta, assim como quando em observações da atuação de outros profissionais homens, além das figuras paternas, pudemos identificar singularidades e também, em determinados momentos, pudemos observar que a presença masculina pode ser benéfica em diversos quadros, o que põe em questão tanto a hipótese da figura feminina como sempre a mais indicada para os cuidados infantis, quanto a que supõe indiferente ou irrelevante, para o processo de construção subjetiva na infância, a interação com o corpo masculino ou feminino, exceto nos aspectos de sustentação biológica ou de funções e papéis simbólicos.

O cotidiano das ações em saúde é o lidar com os discursos maternos/femininos em sua capacidade de cuidadora e de melhor informante sobre as variações comportamentais e de desenvolvimento do filho, acreditando-se, com isso, que também a partir desse encontro pode ocorrer o intercâmbio necessário à prevenção ou tratamento do quadro patológico apresentado.

Se acreditarmos que uma criança, para estabelecer um caminhar harmônico em seu equilíbrio somatopsíquico, necessita do casal parental, a aproximação do pai e até sua permanência no hospital são fatores de alteração na concepção de sua influência no estado de saúde ou doença da criança. As proibições impetradas ao pai com relação, por exemplo, ao pernoite nas enfermarias pediátricas, pode traduzir uma das facetas da ausência de uma visão ampliada do lugar da figura paterna e conseqüentemente do masculino nos cuidados com a criança.

Ainda hoje se olha de forma preconceituosa, especialmente nos países latinos, para a participação ativa do homem na vida cotidiana da criança, em suas tarefas diárias de alimentação, vestir, e no acolhimento nos momentos de dor e sofrimento, dentre outros, tarefas essas, em geral, exclusivas do feminino.

Cabe, portanto, analisar como se dão as interações da criança com o corpo masculino à luz da psicomotricidade em aliança com a antropologia, a partir de um olhar transdisciplinar (Morin, 1990), respeitando a complexidade e multiplicidade de fatores que as compõem, em prol de detectar as influências deste corpo masculino em seu exercício na promoção da saúde na infância.

Tal aliança se faz pertinente porque, segundo Loyola (1999), é na antropologia que encontramos uma abordagem sobre a sexualidade que vai para além do caráter ético-normativo-terapêutico, tradicionalmente focalizado por diversos campos, a exemplo da medicina e da psicanálise. Tal abordagem toma a sexualidade como uma via de pensar o social e a sociedade.

O presente estudo se justifica a partir de contribuições que pode fornecer tanto para o campo da saúde quanto para o da educação, uma vez que falar em promoção da saúde da infância envolve, dentre outros aspectos, a articulação desses dois campos.

Nesse sentido, de um lado, esta investigação no âmbito da escola pode trazer contribuições para que a área da saúde possa refletir sobre a presença do corpo masculino nos cuidados da infância, buscando o desvelamento da singularidade dessa presença e a importância da sua inclusão para a construção da subjetividade.

Por outro lado, este estudo também pode apontar para a escola refletir sobre o seu papel, em termos de promoção de ações educativas, para a construção da subjetividade a partir do aspecto relacional de gênero. Tanto num caso como no outro, o que buscamos é a ampliação dos cuidados da saúde da infância para além do feminino, contemplando a inclusão do masculino, numa perspectiva relacional. Assim, pensar a promoção da saúde junto à infância a partir de uma perspectiva de gênero seria contemplar tanto a figura feminina quanto a masculina nos cuidados infantis.

Caminhar nessa direção envolve uma complexidade no sentido de viabilizar pensamentos e ações. Um primeiro passo pode ser o da compreensão de como os profissionais percebem as interações estabelecidas entre o corpo masculino e a infância, como um dos espaços de gênero, bem como agem na construção da subjetividade numa perspectiva relacional.

Objetivos do Estudo

Geral:

Analisar as singularidades e as repercussões do encontro com o corpo masculino nos cuidados profissionais da educação na promoção à saúde na infância.

Específicos:

- ❖ Problematizar o significado de profissionais da educação que cuidam da criança acerca do “corpo/identidade masculino” como fator de desenvolvimento da identidade, tanto da menina quanto do menino;
- ❖ Identificar os limites e as potencialidades da presença do masculino nos cuidados com a infância;
- ❖ Analisar os esquemas posturais e gestuais que revelam os diálogos tônico-emocionais entre corpo masculino e infante.

Referencial Teórico-Metodológico

Nosso estudo se ancora em dois principais referenciais teórico-metodológicos, nos quais se reflete uma aliança entre a antropologia cultural e a psicomotricidade. Tal aliança se constitui em torno da categoria analítica *corpo*. Embora tais campos disciplinares, em princípio, possam ser considerados de natureza distinta, uma vez que costuma-se associar psicomotricidade a um campo clínico, podemos, a partir da visão transdisciplinar e complexa (Morin, 1989), identificar múltiplas interfaces entre eles.

Campo do Estudo

Pretendemos analisar as interações entre corpo masculino e infância no ambiente escolar. Tal opção se justifica porque a escola:

- é, tradicionalmente, o *locus civilizatório*, onde os corpos são impregnados pela cultura;
- em termos de educação em saúde, poderá trazer uma significativa contribuição, uma vez que tal instituição apresenta uma certa continuidade na socialização da infância, após a convivência na família;
- é um espaço onde tais interações poderão fluir melhor do que em um outro espaço específico de saúde, a exemplo do hospital, por conta das intervenções técnicas que o atravessam;
- é um lugar privilegiado para a formação de atitudes relacionadas ao cuidar de si, ao fortalecimento do acesso a saúde enquanto direito das pessoas;
- pode possibilitar o exercício da convivência com a diferença, condição fundamental para a construção da subjetividade saudável.

Operacionalmente, selecionaremos duas escolas do ciclo básico do Ensino Fundamental, sendo uma pública outra privada. As escolas serão escolhidas a partir dos seguintes critérios: (1) se situarem na região metropolitana do Rio de Janeiro e (2) terem a presença masculina e feminina na função de educador nesse ciclo.

Em cada escola focalizaremos uma turma, sem, contudo, perdermos o contexto escolar em geral. Em termos de sujeitos entrevistados, procuraremos contemplar, pelo menos, dois professores por turma

(um de cada gênero); um casal parental por turma; um representante da direção de cada escola, e dois meninos e duas meninas de cada turma.

Na análise de dados, utilizaremos a Análise Temática de Bardin (1979) e a Pesquisa Qualitativa (Minayo,1992). Os núcleos de sentido serão dialogados com os referenciais da Antropologia e da Psicomotricidade, religados pelo Pensamento Complexo.

O crescente índice de violência doméstica exercida por homens, além do grande número de crianças, especialmente meninos, com dificuldades de aprendizagem e psicopatologias graves, falam de fatos que incluem o masculino em sua função de cuidador/educador, demonstram sua importância para a saúde psíquica da criança, a construção de sua identidade e sua inserção social.

A dominação masculina oprime homens e desqualifica mulheres, num jogo perigoso de oposição e soberania que acaba por inviabilizar a saudável utopia da igualdade, fraternidade e liberdade. A desigualdade e a subordinação conferida ao chamado “sexo oposto”, “sexo frágil”, insiste em demonstrar que somos possuídos por uma cultura de intolerância e relações senhoriais, de domínio sobre a existência do outro a partir de endosso cultural.

Urge, portanto, a revisão do papel dessas comunicações e construções, especialmente no que concerne à identidade masculina em sua elaboração e influências na infância, em direção a uma visão menos fragmentada, e consecutivamente menos fragmentadora do ser em seu devir, rompendo com a mera reprodução e liberando as forças de transformação necessárias à promoção da saúde da coletividade, assim como de suas possibilidades de equidade e solidariedade.

Referencias Bibliográficas:

- AUCOUTURIER, B., DARRAULT, I. & EMPINET, J.L. *A prática psicomotora - Reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1986.
- BADINTER, E. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- _____. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.. 1993.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1979.
- CORNEAU, G. *Pai Ausente, Filho Carente - O que Aconteceu Com os Homens?* São Paulo: Brasiliense. 1991.
- COSTA, E. & MELLO, H. Profilaxia Psicomotora Hospitalar: Projeto Brincar é Viver - Complexificando a hospitalização, estabelecendo referenciais e instrumentalizando a ação na infância e adolescência In: FERREIRA, C., THOMPSON, R. & MOUSINHO, R. (orgs) *Psicomotricidade Clínica*. São Paulo: Lovise. 2002.
- DAMATTA, R. Tem pente aí? - reflexões sobre a identidade masculina IN: CALDAS, D. (Org.) *Homens*. São Paulo: Editora SENAC. 1997.
- LOYOLA, M-A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas In: HEIBORN, M-L. *Sexualidade: O olhar das ciências sociais* - Rio de Janeiro: Zahar. 1999.
- MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Huicitec-Abrasco. 1992.
- MORIN, E. Novas Fronteiras da Ciência. In: *Idéias Contemporâneas - Entrevistas do Le Monde* - São Paulo: Editora Ática. 1989.
- _____. *Ciência com Consciência* - Portugal: Publicações Europa-América. 1990.
- RAMOS, M. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade In: GOLDENBERG, M.(org.) *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record. 2000.
- SIQUEIRA, M. J. *Constituição da identidade Masculina: Alguns pontos para discussão*. Psic.USP[online]vol8,no.1p.113-130http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100007&Ing=pt&nrm+isso 1997.